



AGENDA DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
08/nov	FGV: IGP-DI	Out/21	1,31% m/m 20,63% a/a	-0,55% m/m 23,43% a/a
08/nov	Anfavea: Produção de Veículos	Out/21	-	-21,3% a/a
10/nov	IBGE: IPCA	Out/21	1,07% m/m 10,48% a/a	1,16% m/m 10,25% a/a
11/nov	IBGE: Pesquisa Mensal do Comércio	Set/21	0,0% m/m -2,9% a/a	-2,5% m/m 0,0% a/a
12/nov	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços	Set/21	0,5% m/m 13,3% a/a	0,5% m/m 16,7% a/a

Fonte: Bloomberg.

Indicadores devem mostrar inflação pressionada e atividade perdendo ritmo

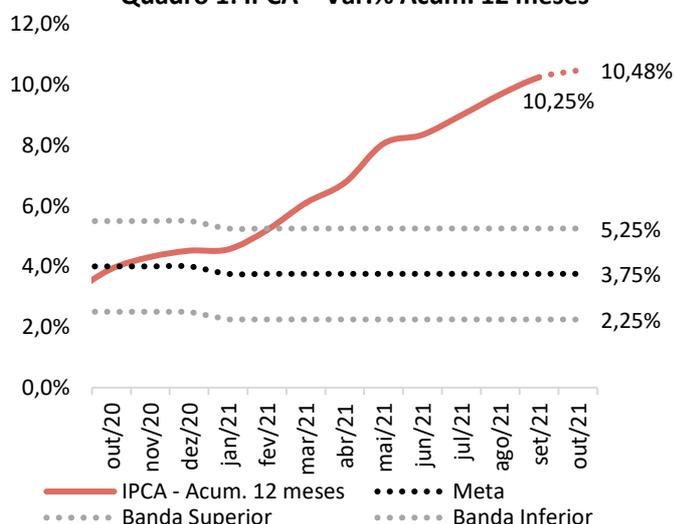
O noticiário político continuará movimentando a semana devido à expectativa pela votação do 2º turno da PEC dos Precatórios na Câmara. Em meio a baixa margem de votos favoráveis no 1º turno e a pressão de alguns partidos para que seus deputados mudem seu voto, a aprovação da medida não é garantida. Além disso, mesmo que seja aprovada na Câmara, o governo não deve encontrar facilidade para aprovar a medida no Senado, onde possui menor interlocução. Desta forma, o cenário de incerteza no campo fiscal deve continuar, e ainda, não se pode descartar a possibilidade de abandono da PEC e abertura de crédito extraordinário para financiar o novo programa social (Auxílio Brasil) em 2022.

Na agenda de indicadores econômicos, destaque para os dados de inflação e atividade que serão conhecidos ao longo da semana e que devem mostrar um cenário ainda desafiador do ponto de vista inflacionário e que a recuperação econômica está se concentrando apenas no setor de serviços. Na quarta (10), o IBGE divulga o resultado do IPCA de outubro, que deve mostrar alta de 1,07% no mês, acelerando no acumulado em 12 meses de 10,25% para 10,48%. Em outubro, as principais pressões de alta devem vir dos derivados de petróleo, entretanto, o processo inflacionário deve continuar disseminado entre os diversos grupos analisados (industriais, serviços, alimentos). Neste sentido, agora há pouco, a FGV mostrou que o IGP-DI subiu 1,60% em outubro, acima das expectativas (1,31%), pressionado pela alta dos itens industriais no atacado (+2,72%), com destaque para o reajuste do diesel (+10,24%), sinalizando novas pressões dos combustíveis no varejo.

Em relação à atividade, na quinta (11), o IBGE publica os dados do varejo, e na sexta (12), dos serviços, ambos do mês de setembro. No caso do varejo ampliado (inclui veículos e materiais de construção), o consenso dos analistas projeta estabilidade no mês, não recuperando a queda de agosto (-2,5%), pressionado pela elevada inflação, mercado de trabalho ainda enfraquecido, migração para o consumo de serviços e restrição de oferta de alguns itens. No caso dos serviços, a expectativa é de alta de 0,5%, beneficiado pelo contínuo processo de reabertura. Assim, caso tais expectativas se confirmem, se configura um quadro de queda da indústria e do varejo no 3º trimestre, e expansão apenas dos serviços.

Por fim, a semana trará as últimas divulgações dos balanços referentes ao 3º trimestre do setor bancário. Hoje à noite (08), o Banco do Brasil publica seu resultado, cuja expectativa é de lucro de R\$ 4,6 bi; na terça (09) é a vez do BTG, onde os analistas projetam R\$ 1,5 bi de lucro; na quarta (10), saem os números do Banrisul e Pine; e, na quinta (11) do BMG. Em geral, os bancos devem seguir reportando alguma melhora do lucro na margem, beneficiado pela reabertura da economia e crescimento do crédito, e uma elevação mais expressiva em 12 meses, devido à baixa base de comparação.

Quadro 1: IPCA – Var.% Acum. 12 meses



Fonte: IBGE. Projeção: Bloomberg



AGENDA DA SEMANA

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
07/nov	China	Balança Comercial (Exportações / Importações)	Out/21	22,8% a/a 26,2% a/a	28,1% a/a 17,6% a/a
09/nov	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Out/21	0,6% m/m 8,6% a/a	0,5% m/m 8,6% a/a
09/nov	China	Inflação ao Consumidor (CPI)	Out/21	1,4% a/a	0,7% a/a
09/nov	China	Inflação ao Produtor (PPI)	Out/21	12,3% a/a	10,7% a/a
10/nov	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Out/21	0,5% m/m 5,9% a/a	0,4% m/m 5,4% a/a
11/nov	EUA	Novos Pedidos de Seguro Desemprego	Nov/21 – 1ª semana	265 mil	269 mil
12/nov	Zona do Euro	Produção Industrial	Set/21	-0,5% m/m	-1,6% m/m
12/nov	EUA	Confiança do Consumidor - Univ. Michigan	Nov/21 – prévia	72,5 pts	71,7 pts

Fonte: Bloomberg

Dados de inflação são destaque na semana após anúncio do tapering

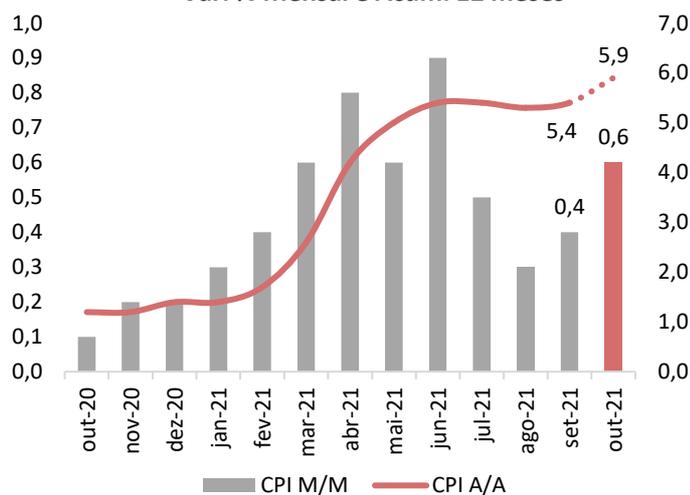
Os dados de inflação nos EUA serão o destaque da semana no cenário internacional. Após a decisão do Fed, em sua reunião no último dia 3 de novembro, de iniciar a redução do seu programa emergencial de compras de títulos (*tapering*), o mercado seguirá monitorando o ambiente inflacionário norte-americano, que será fundamental para determinar a celeridade deste processo e quando ocorrerá o início da elevação da taxa de juro (*Fed Funds*). No comunicado do último encontro, bem como na entrevista coletiva do presidente do Fed, Jerome Powell, foi reiterada a visão de que a inflação, apesar de elevada, segue refletindo fatores transitórios, como problemas de oferta e a recuperação acelerada da demanda após a reabertura econômica.

Na terça (9) será conhecida a inflação ao produtor (PPI) e na quarta (10), o dado ao consumidor (CPI), ambos referentes ao mês de outubro. As informações mais aguardadas pelo mercado são as do CPI, onde é esperada uma aceleração na margem, de 0,4% para 0,6% em outubro, refletindo, em boa parte, o aumento dos preços dos combustíveis. Caso o resultado se confirme, no acumulado em 12 meses, a inflação deve atingir 5,9% (ante 5,4%), maior taxa em mais de 30 anos (desde dezembro de 1990). No caso do PPI, o consenso dos analistas consultados pela Bloomberg projeta alta de 0,6% em outubro, mantendo o indicador estável em 8,6% em 12 meses. Ainda nos EUA, o mercado conhecerá, na sexta-feira (12), a prévia de novembro da confiança do consumidor, calculada pela Universidade de Michigan, um bom indicador para medir o ritmo do consumo das famílias.

Na China, também serão conhecidos indicadores de inflação ao consumidor e ao produtor referentes ao mês de outubro, ambos na terça-feira (09), que devem se manter pressionados, em especial, ao produtor, cuja expectativa é que chegue a 12,3% ante 10,7%. Além disso, ontem (07) foram divulgadas informações da balança comercial de outubro, que mostraram um crescimento maior que o esperado das exportações (27,1% ante 22,8%), mas um menor dinamismo das importações (20,6% ante alta esperada de 26,2%).

Por fim, na Zona do Euro, a agenda possui apenas uma divulgação relevante, o dado de produção industrial de setembro, que sai na sexta-feira (12). A expectativa é de nova retração, de 0,5% na margem, com o setor se mantendo pressionado devido à escassez global de insumos.

Quadro 2: EUA – Índice de Preços ao Consumidor
Var. % Mensal e Acum. 12 meses



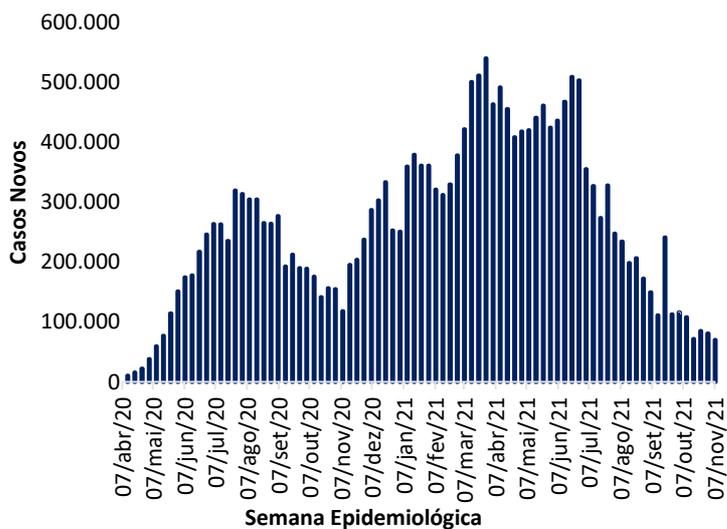
Fonte: Bloomberg. Projeção: Bloomberg

Covid-19 - Acompanhamento

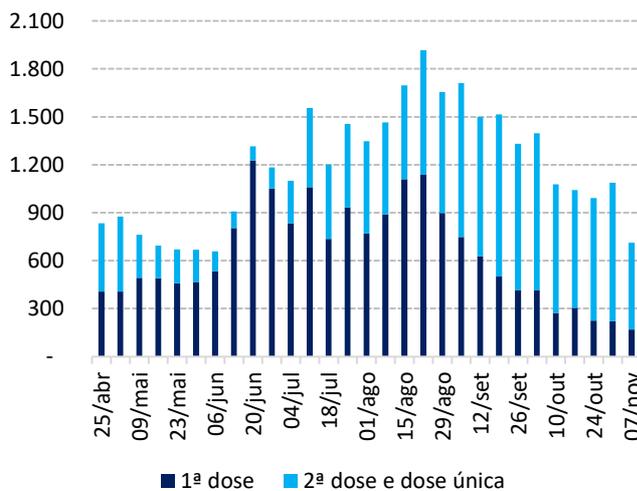
Os números da Covid-19 no Brasil seguiram em tendência de melhora na última semana, movimento que continua sinalizando um ambiente de controle da doença no país. Segundo dados do Ministério da Saúde, foram registrados 70,2 mil casos na última semana epidemiológica, queda de 12,8% em relação à semana anterior, resultando na menor quantidade de casos em uma semana desde a segunda quinzena de maio de 2020. O resultado é equivalente a uma média móvel (7 dias) de 10,0 mil casos por dia. Já o número de óbitos na semana foi de 1.694, renovando pela segunda semana consecutiva o menor número desde maio de 2020, com uma queda considerável, de 24,3% ante a semana anterior. Tal resultado corresponde a uma média móvel (7 dias) de 242 óbitos por dia.

O cenário da imunização no país também segue avançando, com a vacinação completa (2 doses ou dose única) atingindo 56,1% da população, isso significa que até ontem (07), quase 120 milhões de brasileiros já haviam sido totalmente imunizados (119,6 mi). Quanto ao número de pessoas que receberam ao menos uma dose da vacina, a marca chegou a 155,8 milhões na última semana, representando 73,0% da população. Com relação à dose de reforço, na semana passada o Brasil atingiu 9,8 milhões de doses aplicadas (4,6% da população). Assim, o total de aplicações de doses atingiu a marca de 285,2 milhões no país.

Quadro 3: Novos Casos – semana epidemiológica

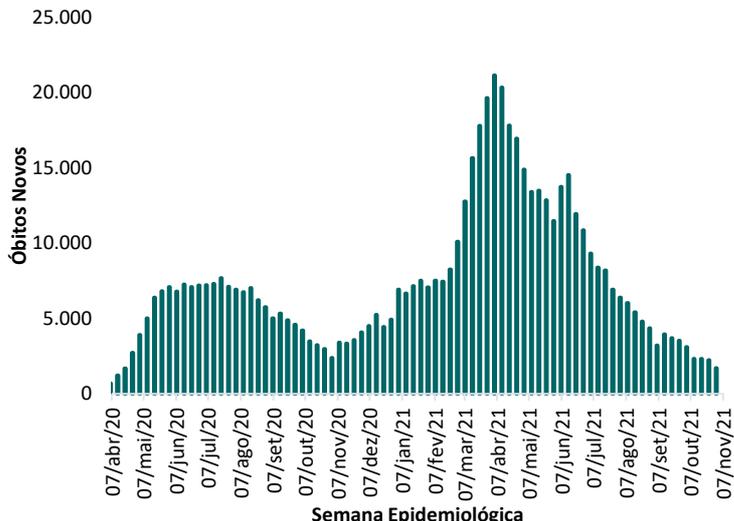


Quadro 5: Doses de Vacinas Aplicadas por Dia – Média da Semana*

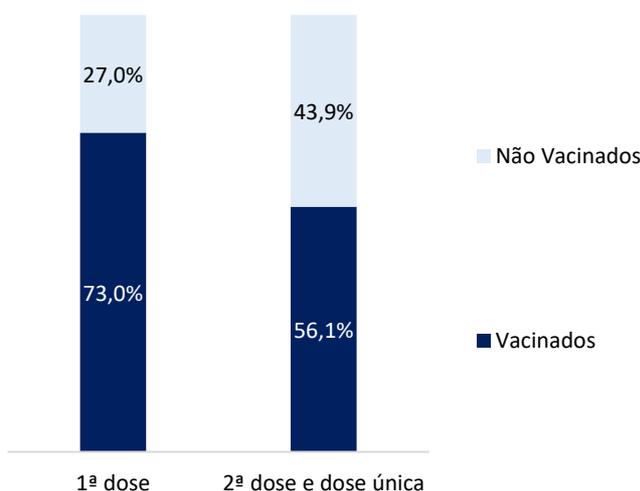


* Não soma as aplicações da 3ª dose

Quadro 4: Novos Óbitos – semana epidemiológica



Quadro 6: % da População Vacinada (Em 07/nov)



Fonte: Ministério da Saúde

Fonte: Broadcast



ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Copom sugere novas elevações de 1,5 pp da Selic com piora do quadro fiscal

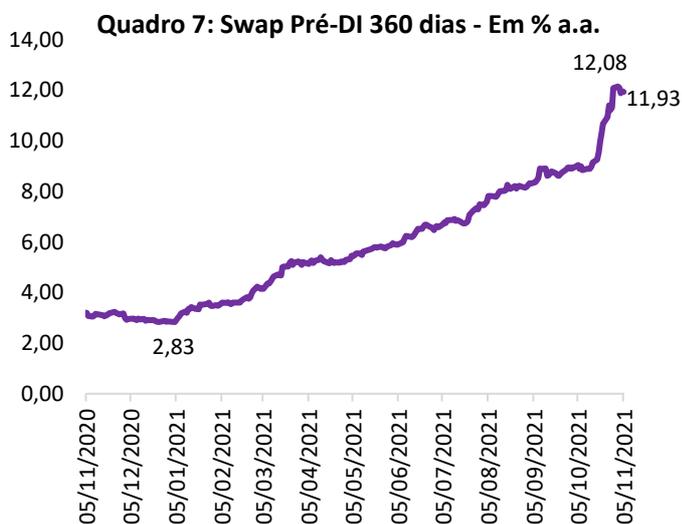
O Copom divulgou a ata da sua última reunião, realizada nos dias 26 e 27 de outubro, quando elevou a Selic em 1,5 pp, para 7,75% aa, e como esperado pela maioria dos analistas, aprofundou o debate em torno do cenário fiscal, trazendo suas implicações para a condução da política monetária. O Colegiado afirmou que os recentes questionamentos em torno do atual arcabouço fiscal, que aumentaram os prêmios de risco e o risco de desancoragem das expectativas de inflação, implicam em maior probabilidade para cenários que considerem taxas neutras mais elevadas. Tal assimetria implica em um viés de alta em suas projeções de inflação, sendo assim, necessário um grau de aperto monetário significativamente mais contracionista do que o utilizado no cenário básico.

Após tal discussão, o Colegiado mencionou que avaliou diversos cenários com diferentes ritmos de ajuste para a Selic, inclusive, com variações superiores a 1,5 pp, mas, que prevaleceu a leitura que tal ritmo é compatível com a convergência da inflação para a respectiva meta ainda em 2022. Por fim, sinalizou que o Comitê antevê outro ajuste da mesma magnitude em sua próxima reunião (dias 7 e 8 de dezembro), podendo ser ajustado, a depender da evolução do quadro econômico. Diante de tal indicação, a Selic deve encerrar o ano em 9,25% aa, e o mais provável é que esta siga em elevação no início de 2022, devendo atingir, pelo menos, 10,75% aa (elevação adicional de 1,5 pp em fevereiro).

Em relação aos dados de atividade econômica, a produção industrial continua apresentando números fracos, reflexo da escassez/aumento do custo dos insumos e do cenário pouco favorável para o consumo das famílias (elevado desemprego e alta inflação).

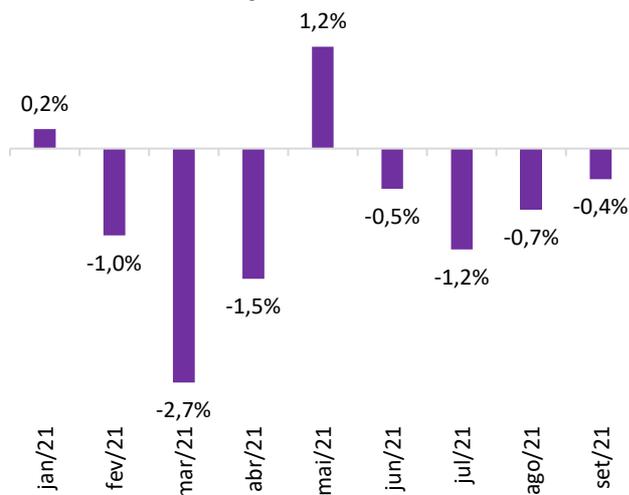
Segundo o IBGE, a produção do setor recuou 0,4% em setembro, quarto mês seguido de queda. No mês, 3 das 4 grandes categorias econômicas tiveram desempenho negativo: bens de capital (-1,6%), duráveis (-0,2%) e intermediários (-0,1%), enquanto apenas a indústria de bens semi e não duráveis (+0,2%) avançou. Dentre as 26 atividades acompanhadas na pesquisa, 10 recuaram, com destaque para setores relevantes, como metalurgia (-2,5%) e produtos alimentícios (-1,3%). Do lado positivo, as principais influências vieram de produtos farmacêuticos (+6,5%) e derivados de petróleo (+1,0%). Além disso, após 4 meses em retração, a produção de veículos ficou praticamente estável (+0,2%).

INDICADORES ECONÔMICOS



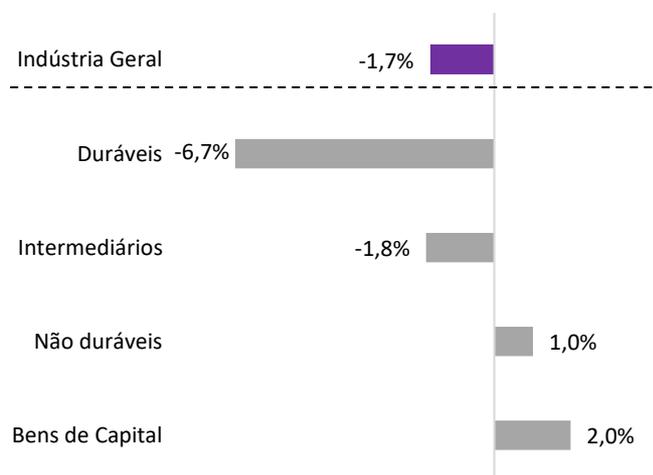
Fonte: Bloomberg

Quadro 8: Produção Industrial – Var.% Mensal



Fonte: IBGE

Quadro 9: Produção Industrial – Por Categorias Var.% 3T21 ante o 2T21



Fonte: IBGE

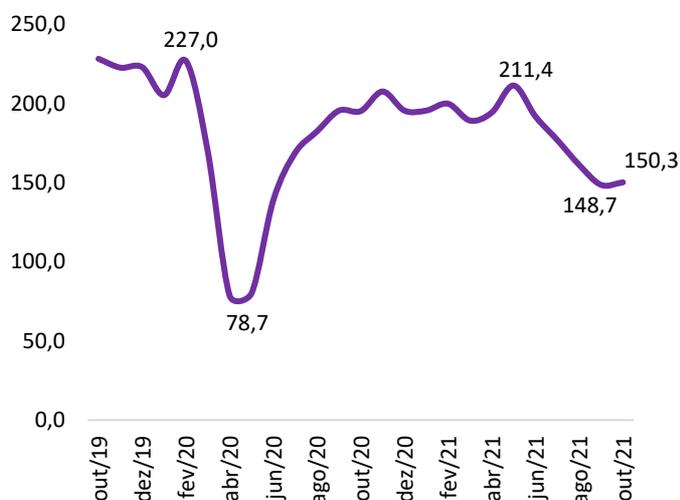
Com o resultado, o setor fechou o 3º trimestre com queda de 1,7%, o terceiro seguido, em razão, principalmente, do fraco desempenho da indústria de bens duráveis (-6,7%). Tal dado sinaliza que a indústria deu nova contribuição negativa para o PIB do trimestre. Além disso, o *carry over* para o 4º trimestre está negativo em 0,5%, o que sugere não ser improvável outro resultado negativo neste último trimestre do ano.

Neste sentido, os dados de emplacamentos de veículos, divulgados pela Fenabrave, seguem mostrando um cenário pouco animador para o setor automotivo. Em outubro, na série com ajuste sazonal, segundo nossas estimativas, o emplacamento total de veículos (automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus) cresceu apenas 1,1% ante setembro, permanecendo em um nível bastante deprimido. Como comparação, o nível atual de emplacamentos está 34,8% abaixo do nível observado no período pré-pandemia (média dos 12 meses encerrados em fev/20). Diante das notícias pouco animadoras a respeito dos contínuos gargalos nas cadeias produtivas, em especial na indústria de semicondutores, não se espera uma recuperação substancial do setor automotivo nos próximos meses.

Os dados da balança comercial mostraram novamente um maior dinamismo das importações em relação às exportações, implicando em um menor superávit comercial, mesmo com a elevação do dólar. A balança comercial foi superavitária em US\$ 2,0 bi em outubro, inferior ao observado no mesmo mês de 2020 (US\$ 4,4 bi). Com isso, no acumulado em 12 meses, o saldo comercial recuou de US\$ 66,2 bi para US\$ 63,8 bi.

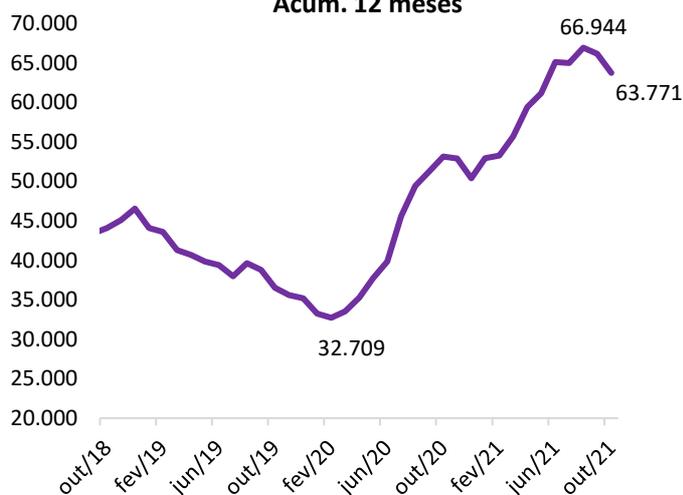
As importações ficaram em US\$ 20,5 bi no mês, alta de 54,9% ante out/20, refletindo, dentre outros, o expressivo aumento das importações de derivados de petróleo, como gás natural (+383%) e óleos brutos de petróleo (+181%), devido ao aumento do preço de tais produtos no mercado internacional. Já as exportações ficaram em US\$ 22,5 bi, crescimento de 27,6% na mesma métrica. Neste caso, tem pesado recentemente a queda do preço do minério de ferro, cujo crescimento das vendas ao exterior desacelerou de uma alta de 176,7% em junho (ante jun/20), para uma expansão interanual de apenas 14,4% agora em outubro. Mantida tal tendência, o saldo comercial deve ficar próximo a zero nos dois últimos meses do ano, fechando 2021 com superávit de cerca de US\$ 60 bilhões, ainda assim, superior ao atual recorde (de US\$ 56,0 bi obtido em 2017), no entanto, consideravelmente inferior ao esperado há alguns meses, quando se projetava um superávit próximo a US\$ 80 bi.

Quadro 10: Fenabrave – Emplacamento Mensal de Veículos – Em milhares (com ajuste sazonal*)



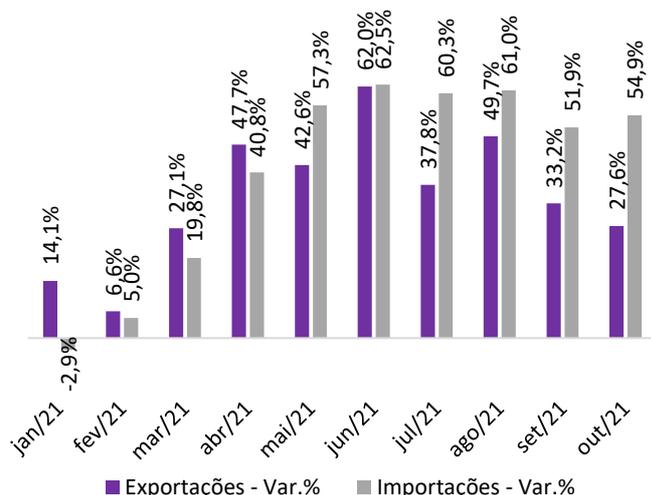
Fonte: Fenabrave. *Calculado pela Febraban

Quadro 11: Saldo Comercial – Em US\$ mi Acum. 12 meses



Fonte: Secex

Quadro 12: Exportações e Importações Var.% ante mesmo mês do ano anterior (por dia útil)



Fonte: Secex

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Boa geração de empregos nos EUA e Fed paciente impulsionam mercados

Os mercados internacionais fecharam a semana com viés de alta, refletindo, principalmente, os bons dados de geração de empregos nos EUA (*payroll*), que vieram acima do esperado, e a postura paciente do Fomc, que sinalizou não ter pressa para voltar a subir os juros. Neste sentido, os 3 principais índices das bolsas norte-americanas fecharam a semana em nível recorde histórico.

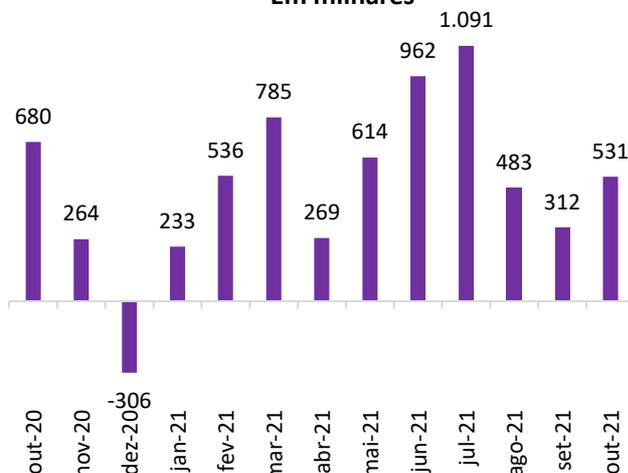
No encontro do Fomc, conforme esperado pelo mercado, foi anunciada a redução do ritmo de compras de ativos pelo Fed. O Colegiado comunicou que irá reduzir as compras inicialmente ao ritmo de US\$ 15 bi mensais, (atualmente em US\$ 120 bi p/mês), encerrando o programa até o final do 1º semestre de 2022. No entanto, durante a coletiva, o presidente do Fed, Jerome Powell, sinalizou que o Colegiado não tem pressa para voltar a subir os juros, e que o fim do programa de compras de ativos não implica mecanicamente no início do processo de alta do juro.

Em relação aos dados de emprego, o *payroll* surpreendeu ao mostrar geração de 531 mil vagas em outubro, acima das expectativas (+450 mil). As criações de vagas foram disseminadas entre os setores e o resultado levou a nova queda na taxa e desemprego, de 4,8% para 4,6%, renovando a mínima desde o início da pandemia (mar/20 = 4,4%). Os salários médios subiram 0,4% no mês, em linha com as expectativas.

Quanto à atividade, o índice PMI de serviços dos EUA subiu para 58,7 pts em outubro (ante 54,9 pts em setembro), primeira alta desde maio/21, quando havia atingido seu pico (70,4 pts). O resultado sugere que o setor enxerga menores problemas futuros relacionados com a variante Delta e deve se consolidar como o *driver* do crescimento no 4T21. Por outro lado, os problemas de oferta ainda afetam o setor manufatureiro, que viu seu índice cair pelo 3º mês seguido, para 58,4 pts (ante 60,7 pts).

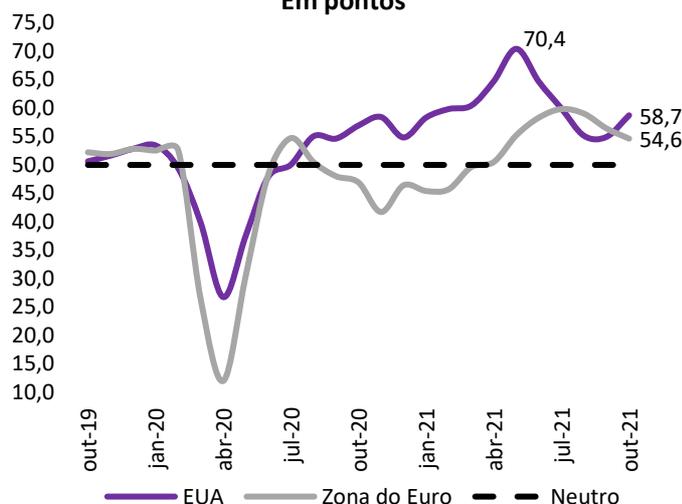
Na Zona do Euro, o indicador PMI de serviços de outubro caiu para 54,6 pts (de 56,4 pts), menor nível desde abril, sinalizando que os níveis de expansão mais altos parecem ter se esgotado. O setor manufatureiro segue sofrendo com os gargalos de oferta, cujo índice recuou para 58,3 pts. Já as vendas no varejo de setembro do bloco contrariaram as expectativas de alta, ao cair 0,3% na margem. Por fim, na China, o índice PMI Caixin da manufatura de outubro atingiu 50,6 pts, melhor nível desde junho, puxado pela demanda doméstica. O índice do setor de serviços também subiu, para 53,8 pts (ante 53,4 pts), reflexo do relaxamento de medidas de distanciamento social.

Quadro 13: EUA – Geração de Vagas de Emprego
Em milhares



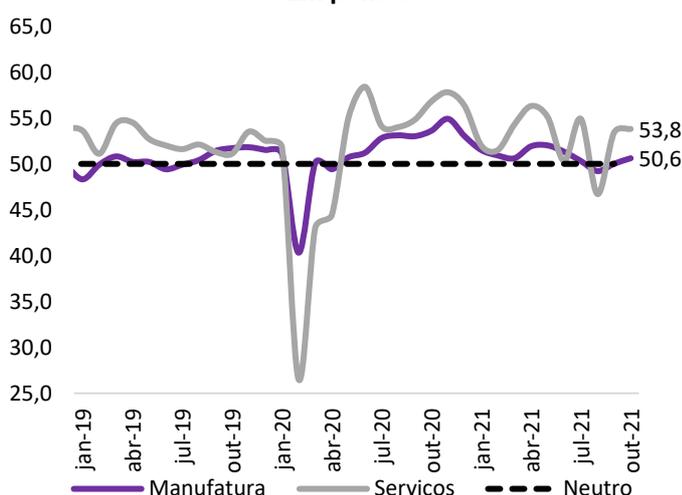
Fonte: Bloomberg.

Quadro 14: EUA e Zona do Euro – PMI Serviços
Em pontos



Fonte: Bloomberg.

Quadro 15: China – PMI Caixin
Em pontos



Fonte: Bloomberg.

Crédito/Bancos

Resultado Corporativo 3º tri/21 – Itaú Unibanco

O Itaú Unibanco reportou um lucro líquido recorrente de R\$ 6,8 bilhões no 3º trimestre, ligeiramente acima das expectativas (R\$ 6,6 bi). O resultado corresponde a uma alta de 3,6% ante o trimestre anterior e de 34,8% em comparação com o mesmo período do ano passado, afetado na ocasião devido aos gastos extraordinários com PDD. A rentabilidade (ROE) também apresentou melhora no trimestre, ficando em 19,7% (anualizada), alta de 0,8 pp ante o 2T21, embora siga abaixo do patamar anterior à crise (23,7% no 4T19).

No comparativo trimestral, o resultado foi beneficiado pelo avanço da margem financeira (+3,8%), refletindo o crescimento da margem com clientes (+4,7%), impulsionada, principalmente, pelo aumento do volume médio do crédito. Por outro lado, foi parcialmente compensada pela queda (-3,2%) da margem com o mercado, após menores ganhos nos livros *trading e banking*. As receitas com serviços também cresceram (+0,8%) em razão de maiores ganhos com cartões e adquirência (+6,4%), consequência da melhora da atividade econômica, e com administração de recursos (+8,1%). As operações de seguros também impactaram positivamente o resultado (+11,5%).

Com relação às despesas, houve aumento de 14,3% no trimestre das despesas de provisão para créditos de liquidação duvidosa (PDD), que atingiram R\$ 5,5 bi, puxada pela maior provisão para o varejo e o aumento nominal do atraso. Já as despesas não decorrentes de juros subiram 2,1% no trimestre, impactadas pelo aumento das despesas de pessoal (+5,7%), em função do reajuste salarial da categoria e das despesas administrativas (+7,6%), devido a maiores gastos com propaganda.

A carteira de crédito ampliada do banco cresceu 5,9% na margem e 13,6% em 12 meses, atingindo a marca de R\$ 962,4 bi. Destaque para a carteira PF, com expansão de 8,6% no trimestre e de 27,8% em 12 meses, com crescimento disseminado entre as linhas. Houve alta tanto de linhas tradicionais e com garantia, como o crédito imobiliário (+12,2%) e veículos (+9,1%), bem como de linhas mais arriscadas, impulsionadas pela recuperação da economia, como o cartão de crédito (+9,8%) e o crédito pessoal (+6,3%). A carteira PJ, por sua vez, cresceu 5,8% na margem (e 7,4% em 12 meses), liderada pela linha de comércio exterior (+14,9%) e capital de giro (+3,3%), esta última ainda refletindo os programas governamentais adotados durante a pandemia. Em termos de segmento, o crescimento foi puxado pela carteira para as MPMEs (+9,1%).

A inadimplência (acima de 90 dias) cresceu 0,3 pp no trimestre, atingindo 2,6% da carteira, impactada principalmente pela piora no indicador de grandes empresas (+0,8 pp) e América Latina (+0,6 pp), enquanto a inadimplência do segmento PF permaneceu estável em 3,6%, menor patamar histórico. Por fim, o banco manteve inalterado seu *guidance* para 2021, onde continua esperando um crescimento da carteira de crédito no Brasil entre 12,5% e 15,5% no ano.

Quadro 16: Resultado 3T21 – Itaú Unibanco

Banco Itaú - R\$ Mi	3T20	2T21	3T21	Variação	
				Tri	Anual
ITENS PATRIMONIAIS					
Ativo Total	2.110.120	2.065.744	2.154.879	4,3%	2,1%
TVM	628.176	728.483	739.455	1,5%	17,7%
Depósitos	765.019	793.501	818.734	3,2%	7,0%
Patrimônio Líquido	142.367	146.642	150.153	2,4%	5,5%
DRE¹					
Margem Financeira Gerencial	16.928	18.792	19.515	3,8%	15,3%
Margem com Clientes	15.554	16.802	17.587	4,7%	13,1%
Margem com o Mercado	1.373	1.991	1.928	-3,2%	40,4%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-6.337	-4.834	-5.526	14,3%	-12,8%
Receitas de prestação de serviços	9.465	9.986	10.070	0,8%	6,4%
Operações com Seg., Prev. e Cap.	1.629	1.344	1.499	11,5%	-8,0%
Despesas não Decorrentes de Juros	-12.678	-12.560	-12.819	2,1%	1,1%
IR/CSLL	-2.428	-3.975	-4.003	0,7%	64,9%
Lucro/Prejuízo do período ²	5.030	6.543	6.779	3,6%	34,8%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE¹					
ROAE	15,7%	18,9%	19,7%	0,8 pp	4,0 pp
ROAA	1,0%	1,2%	1,3%	0,0 pp	0,3 pp
Índice de eficiência	48,0%	44,5%	44,0%	-0,4 pp	-4,0 pp
CRÉDITO					
Carteira de crédito ampliada ³	846.994	909.055	962.335	5,9%	13,6%
PF	236.868	278.905	302.827	8,6%	27,8%
PJ	246.378	250.031	264.560	5,8%	7,4%
Estoque de PDD p/ operações de crédito	-50.208	-47.068	-41.880	-11,0%	-16,6%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	0,7%	0,5%	0,6%	0,0 pp	-0,2 pp
Saldo de PDD/Carteira de crédito amp.	5,9%	5,2%	4,4%	-0,8 pp	-1,6 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	2,2%	2,3%	2,6%	0,3 pp	0,4 pp
Índice de Basileia	13,7%	14,9%	14,7%	-0,2 pp	1,0 pp
Índice de Cobertura > 90 dias	339%	283%	234%	-48,6 pp	-105,1 pp

Fonte: Itaú RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Anualizado ²Lucro Líquido Ajustado Gerencial ³Inclui outras operações com risco de crédito (debêntures, CRI, *commercial papers*, etc.) e unidades da América Latina.

Resultado Corporativo 3º tri/21 – Bradesco

O Bradesco apresentou um lucro líquido de R\$ 6,8 bilhões no 3º trimestre, acima do esperado pelos analistas (R\$ 6,4 bi). O resultado corresponde a uma alta de 7,1% na margem e de 34,5% ante o 3T20, quando o resultado foi impactado negativamente pelos gastos atípicos em PDD. A rentabilidade (ROE) atingiu 18,6% (anualizada), subindo 1,0 pp no trimestre, entretanto, ainda abaixo do nível pré-pandemia (21,2% no 4T19).

O resultado positivo decorreu da melhora em várias linhas do balanço da IF. A principal foi a recuperação do resultado com seguros (+104,1), que havia apresentado forte queda no 2T21, devido aos sinistros decorrentes da pandemia. Outro destaque foram as receitas de serviços (+4,1%), impulsionados pelas rendas com cartão (+8,2%) em função da recuperação econômica. A margem com clientes também avançou (+4,3%), beneficiada pelos maiores volumes de crédito, melhora do *mix* de produtos e *spreads*. Além disso, também houve queda no trimestre dos gastos com PDD (-3,7%), segundo o banco, resultado de aprimoramento na concessão de crédito, uma vez que foi possível conter as despesas com PDD mesmo com expansão da carteira de crédito.

Na direção contrária, houve forte recuo (-27,3%) da margem com o mercado no trimestre, refletindo o aumento do CDI nas posições de ALM, segundo a divulgação do banco. Já as despesas de pessoal e administrativas avançaram 6,1% e 4,4%, respectivamente. A alta nas despesas com pessoal foi reflexo do acordo coletivo que prevê reajuste salarial de 10,97% para os bancários e elevou os gastos com proventos e encargos sociais em 9,2% no trimestre. No caso das despesas administrativas, a principal fonte de aumento dos gastos foram com publicidade (+28,3%) e processamento de dados (13,7%).

A carteira de crédito ampliada cresceu 6,5% ante o 2T21, com aumento similar da carteira PF (+6,3%) e PJ (+6,6%). Com isso, atingiu R\$ 773,3 bi, expansão de 16,4% em 12 meses. No trimestre, o crescimento da carteira PF foi impulsionado pelo cartão de crédito (+9,8%), beneficiado pela recuperação da atividade e do consumo com as menores restrições da pandemia, e o crédito imobiliário (+7,6%), onde a originação da linha cresceu mais de 60% ante o 3T20. No caso da carteira PJ, a expansão foi impulsionada pelas operações de capital de giro (+7,8%).

Quanto aos indicadores da carteira, a inadimplência total subiu 0,1 pp, atingindo 2,6%, resultado de um aumento no indicador na carteira PF (+0,2 pp) e para as MPMEs (+0,1 pp), parcialmente compensada pela melhora no indicador de grandes empresas (-0,2 pp). O atraso total da carteira também apresentou ligeira deterioração (+0,1 pp) atingindo 2,7%. O saldo da carteira renegociada, por sua vez, caiu para R\$ 28,2 bi, reduzindo pelo 3º trimestre consecutivo sua participação em relação ao total (4,9% no 3T21). Por fim, o *guidance* da IF foi revisado novamente, destacando a alteração no intervalo das expectativas de crescimento da carteira de crédito em 2021 que passou de 9% a 13% para 14,5% a 16,5%, reflexo do mercado de crédito que se mantém aquecido, crescendo com taxas robustas no país.

Quadro 17: Resultado 3T21 - Bradesco

Banco Bradesco - R\$ Mi	3T20	2T21	3T21	Variação	
				Tri	Anual
ITENS PATRIMONIAIS					
Ativo Total	1.659.687	1.672.753	1.716.168	2,6%	3,4%
TVM	649.799	717.652	728.682	1,5%	12,1%
Depósitos	524.312	546.117	562.789	3,1%	7,3%
Patrimônio Líquido	139.305	148.113	149.219	0,7%	7,1%
DRE¹					
Margem Financeira	15.288	15.738	15.702	-0,2%	2,7%
Margem com Clientes	12.794	13.471	14.054	4,3%	9,8%
Margem com Mercado	2.494	2.267	1.648	-27,3%	-33,9%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-5.588	-3.487	-3.358	-3,7%	-39,9%
Receitas de prestação de serviços	8.121	8.412	8.756	4,1%	7,8%
Resultado das Operações de Seguros, Previdência e Capitalização	3.131	1.574	3.213	104,1%	2,6%
Despesas de pessoal	-4.900	-5.120	-5.434	6,1%	10,9%
Despesas administrativas	-5.035	-5.012	-5.235	4,4%	4,0%
IR/CSLL	-2.108	-3.058	-3.731	22,0%	77,0%
Lucro/Prejuízo do período ²	5.031	6.319	6.767	7,1%	34,5%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE¹					
ROAE	15,2%	17,6%	18,6%	1,0 pp	3,4 pp
ROAA	1,2%	1,5%	1,6%	0,1 pp	0,4 pp
Índice de eficiência	47,6%	45,8%	46,0%	0,2 pp	-1,6 pp
CRÉDITO					
Carteira de crédito ampliada ³	664.414	726.453	773.323	6,5%	16,4%
PF	243.404	285.620	303.479	6,3%	24,7%
PJ	421.010	440.833	469.844	6,6%	11,6%
Estoque de PDD p/ operações de crédito	42.014	41.479	41.882	1,0%	-0,3%
Despesa PDD/ Carteira de crédito	0,8%	0,5%	0,4%	0,0 pp	-0,4 pp
Saldo de PDD/ Carteira de crédito	6,3%	5,7%	5,4%	-0,3 pp	-0,9 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	2,3%	2,5%	2,6%	0,1 pp	0,3 pp
Índice de Basileia	15,1%	16,0%	15,2%	-0,8 pp	0,0 pp
Cobertura > 90 dias	398,2%	324,7%	296,9%	-27,8 pp	-101,3 pp

Fonte: Bradesco RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Anualizado ²Lucro Líquido Ajustado Gerencial

³ Inclui outras operações com risco de crédito: debêntures, FDIC, CRI, notas promissórias, ativos relacionados a atividades de aquisição e avais e fianças.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

MERCADOS LOCAIS

FOCUS – Indicadores Seleccionados	2021				2022			
	5/11/21	29/10/21	8/10/21	Viés	5/11/21	29/10/21	8/10/21	Viés
IPCA (%)	9,33	9,17	8,59	▲	4,63	4,55	4,17	▲
PIB (% de crescimento)	4,93	4,94	5,04	▼	1,00	1,20	1,54	▼
Meta Selic - fim do ano (%a.a.)	9,25	9,25	8,25	↔	11,00	10,25	8,75	▲
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,50	5,50	5,25	↔	5,50	5,50	5,25	↔

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	05/11/21	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,54	-1,67%	-1,67%	6,75%	-2,16%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	238,52	-3,38%	-3,38%	65,66%	16,18%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	7,90	2,83%	2,83%	310,98%	312,33%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	11,93	-1,26%	-1,26%	317,63%	273,74%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	12,22	0,30%	0,30%	101,47%	71,80%
Índice Ibovespa (em pontos)	104.824,20	1,28%	1,28%	-11,93%	7,11%
IFNC (setor financeiro)	10.062,22	2,90%	2,90%	-18,04%	3,27%
Banco ABC Brasil	16,25	6,98%	6,98%	4,33%	29,64%
Banco do Brasil	29,29	2,77%	2,77%	-24,51%	-3,40%
Banco Inter	46,17	30,06%	30,06%	40,69%	150,79%
Banco Mercantil	18,96	0,85%	0,85%	-98,83%	-98,98%
Banco Pan	13,06	-1,73%	-1,73%	37,04%	66,79%
Banco Pine	1,91	0,53%	0,53%	-24,21%	-13,18%
Banestes	4,81	-0,41%	-0,41%	-11,74%	-4,18%
Banrisul	11,25	3,31%	3,31%	-22,79%	-7,02%
Bradesco ON	17,21	1,24%	1,24%	-21,77%	1,67%
Bradesco PN	19,99	0,45%	0,45%	-18,98%	6,33%
BTG Pactual	24,44	8,38%	8,38%	4,00%	28,40%
Itaú Unibanco ON	20,66	-1,76%	-1,76%	-9,03%	9,75%
Itaú Unibanco PN	22,88	-1,84%	-1,84%	-12,28%	10,99%
Santander	34,38	-0,06%	-0,06%	-20,82%	11,48%

Fonte: Bloomberg

MERCADOS INTERNACIONAIS

Indicadores do Mercado	05/11/21	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
Fed Funds (% a.a.)	0,25	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	0,40	-19,36%	-19,36%	230,97%	176,99%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	1,45	-6,49%	-6,49%	58,92%	90,23%
Dollar Index	94,32	0,21%	0,21%	4,87%	0,98%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.697,53	2,00%	2,00%	25,07%	36,42%
Índice de ações de bancos - EUA	132,32	5,04%	5,04%	39,87%	84,29%
Índice Euro Stoxx 50	4.363,04	2,65%	2,65%	22,81%	38,02%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	104,71	1,98%	1,98%	41,94%	82,68%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	82,74	-1,94%	-1,94%	59,73%	100,68%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira